

QUERO CONTINUAR A ACREDITAR NO POETA!

————— Diogo Júlio Serra

*E se Abril ficar distante
Desta terra e deste Povo
Nós temos força bastante
Para fazer um Abril Novo.*

Tinha 20 anos. Havia trocado, em Janeiro desse ano, o trabalho na carpintaria da família, em Arronches, pelo de administrativo na Editorial Rabeca, proprietária do principal jornal da oposição no distrito de Portalegre.

Ali, como em qualquer outra pequena empresa, não existiam departamentos estanques. Quando necessário, e era quase para tudo, todos tinham que dar “uma mãozinha”... E foi assim que comecei, desde a primeira hora na empresa, a participar na dobragem do jornal e nas tertúlias (autêntica universidade de cidadania) que tal tarefa proporcionava e até a publicar pequenos artigos, o primeiro dos quais em 15 de Abril de 74 assinado com as iniciais J.C.

Era então a cada sexta-feira, madrugada dentro, que se dobravam e endereçavam os jornais que no dia seguinte iriam para as bancas pela mão do Pintassilgo e, através dos correios, para os assinantes espalhados pelo mundo.

Era também aí, que a pretexto da jornada solidária de dobragem do jornal se reuniam as principais figuras da oposição à volta do Diretor do Jornal, o Médico Feliciano Falcão, e se debatiam todos os temas e aspirações que a censura não permitia que passassem ao papel.

Para trás ficavam os tempos de meninice vividos entre a casa do pai e da avó materna, os tempos de escola e traquinices que a vida no mundo rural então proporcionava: o ir aos ninhos e banhar na ribeira, as “futeboladas” no pátio da escola, as surtidas às hortas e a conseqüente pedagogia do “cinto ou do chinelo” e as histórias que os avós contavam à lareira, nas longas noites de inverno.

Também os anos como empregado de mesa no Café Lusitano e as aprendizagens recolhidas no contacto diário com “terrateníentes” e as suas prepo-

tências, já pertenciam ao passado. Mas, igualmente, o convívio com os velhos republicanos e os jovens oposicionistas, que no Lusitano se juntavam.

Bem presentes estavam os tempos do “Colégio da Batata” espaço de ensino e aprendizagem que permitia aos jovens de Arronches estudarem à noite, acompanhados por professores progressistas, e autoproporem-se a exame nos estabelecimentos oficiais existentes em Portalegre.

A anteceder a tal madrugada, o dia inicial inteiro e limpo, como descrito por Sofia, a alteração da programação habitual das rádios já nos havia alertado para algo de incomum. Mas foi já no Largo da Cadeia, nos momentos de espera da “carreira” que nos levaria para Portalegre, que as conversas foram assumindo a verdade: estava a decorrer um golpe de estado em Lisboa.

O que se murmurava e o que alguns de nós temiam não eram motivo para entusiasmos. O levantamento militar de 16 de Março (Golpe das Caldas) e a repressão que se lhe seguiu, bem como as muitas notícias que circulavam nos meios oposicionistas apontavam para a preparação de um golpe militar dos ultras do regime, situação que aconselhava prudência.

E foi assim, envolto em angústia e preocupação, que se iniciou o meu “25 de Abril”.

Tudo mudaria pouco tempo depois.

Chegado ao jornal “A Rabeca”, pude constatar que aos companheiros de Portalegre haviam ocorrido as mesmas preocupações. Ali não se tinha descansado desde que fora tornado público o primeiro comunicado. O resultado desse trabalho de “limpeza de documentação comprometedora” estava bem visível. Logo à entrada da tipografia, na mesa onde se colocavam as obras para entrega, dois grandes pacotes endereçados à Papelaria Gato Preto, de Elvas.

Não existia nenhuma papelaria com aquele nome em Elvas nem os pacotes continham quaisquer obras para entrega. No seu interior estavam todos os documentos e livros comprometedores para o caso de ocorrer alguma surtida da PIDE (então já DGS), fossem recolhidos durante a noite e assim acondicionados pelos companheiros da redação e das oficinas.

Os sorrisos chegaram meia hora depois. Uma chamada telefónica da redação do Jornal República anunciava a boa nova: “Não são os Ultras quem está na rua. O Movimento das Forças Armadas está na rua para derrubar o regime...” O República está na rua sem ter ido à censura! Era a manhã por

tantos e por tanto tempo esperada. O jornal, a nossa Rabeca, que iria para a rua no dia seguinte, já estava fechado com os textos ainda visados pela censura e que eu próprio recolhia (e entregava) em cada semana na casa do censor, o capitão Liberato, dirigente local da Legião.

Quintas e sextas-feiras eram os dias destinados à impressão na velhinha rotativa, que só a destreza e paciência do Sr. Tavares (chefe da oficina) garantia terminar com êxito, e à dobragem feita por muitas mãos de amigos que semanalmente ali se reuniam para a dobragem e etiquetagem do jornal, que a cada sábado estava nas bancas e nos CTT para chegar aos seus leitores.

Não havia condições para alterar o jornal, mas não era possível deixá-lo sair sem assinalar os acontecimentos que se estavam a desenrolar aos nossos olhos. A solução foi alterar apenas a primeira página inserindo-lhe uma “caixa” com o texto produzido de imediato pelo chefe de redação, o Eduardo Basso.

Naquela quinta-feira a rotativa trabalhou pela noite dentro e entre vivas, lágrimas e abraços, recuperou-se o tempo gasto com a composição e impressão da nova página; e na noite seguinte, éramos muitos mais os que, nas instalações da rua 19 de Junho, dobrávamos e etiquetávamos “A Rabeca”.

Os dias que se seguiram foram tão intensos que, ainda hoje, passados quase cinquenta anos, tenho dificuldade em os descrever. Eu, um jovem de 20 anos, então já bem desperto para as violências que a ditadura fascista nos impunha, mas cuja militância política se limitara até então às audições clandestinas das Rádio Moscovo e Rádio Portugal Livre, às conversas acaloradas sobre a Guerra Colonial e à distribuição “clandestina” de alguns panfletos, (o primeiro que distribuí, em Arronches, fora trazido da Universidade de Évora e exigia a libertação do Padre Mário – padre de Maceira de Lixa preso pela PIDE), estava agora a viver por dentro a construção do “mundo novo e belo que todos sonhávamos. A “Rabeca”, onde me iria manter até Outubro de 1974, data em que ingressei no RI 7 em Leiria para cumprir o SMO, e onde voltaria ainda após ter sido compulsivamente passado à reserva em 2 de Dezembro de 1975... mas isso é outra história, já não é de Abril, é dos seus carrascos.

Ali se concentrava toda a parte civil da construção de Abril. A outra parte concentrava-se nos quartelamentos militares de Portalegre e de Elvas.

A oposição democrática, agora à luz do dia, organizava-se à volta do jornal, que por sua vez se obrigava a ser o porta-voz da Democracia e, paralela-

mente, a apoiar todos os movimentos políticos e populares de democratização da vida portalegrense.

Ainda participei, enquanto trabalhador da Rabeca, nos plenários para eleição das Comissões Administrativas que substituíram as Câmaras Municipais fascistas, nas grandes assembleias que substituíram as direções sindicais corporativas nomeadas por representantes eleitos e nas barreiras que abortaram a primeira tentativa (pública) de golpe contra Abril – o 28 de Setembro.

Seguiu-se um tempo ainda mais intenso, agora como militar.

Entreí no RI7 em Leiria no dia 7 de Outubro de 1974. Dois dias antes, em Arronches, havia participado no dia de trabalho voluntário para a Nação, colaborando com outros, muitos, habitantes em trabalhos de limpeza e alinhamento dos espaços públicos da vila.

Terminada a “recruta” em Leiria, ingressei na Força Aérea e rumei à Base Aérea n.º 3 em Tancos, onde o 11 de Março me iria encontrar.

Ainda instruendo, fui um dos muitos que, enquadrados por oficiais e sargentos do MFA, procurámos dar “combate” aos golpistas que haviam tomado a Base. “Combate” que não passou de iniciativas anárquicas de pré-motim: manifestações públicas contra os “ocupantes” da Base e em frente à zona da torre de comando onde se encontravam Spínola e o seu bando, junto aos hangares de onde os golpistas faziam sair os heli-canhões e os paraquedistas, e no assalto e destruição das viaturas (muitas particulares) que os golpistas utilizaram para entrar na Base.

Sim, estive também no desmontar da tentativa dos “páras” (enganados) que tomaram o controlo das pistas e, mais tarde, na prisão dos que Spínola (em fuga) havia deixado para trás.

Estava ultrapassada mais uma tentativa de destruir Abril.

Há quem queira fazer marcha atrás,

Há quem queira meter o travão.

Mas o Povo acelera e faz

No dia-a-dia a Revolução.